

DA MASCULINIDADE HEGEMÔNICA À MASCULINIDADE QUEER/QUIR: DEBATENDO PERFORMATIZAÇÕES EMERGENTES DO MASCULINO NO ESPORTE BRASILEIRO*

Leandro Teofilo de Brito

teofilo.leandro@gmail.com

Colégio Pedro II (CP2)

RESUMO

Discute-se a visibilização de performatizações de masculinidade que emergem no esporte brasileiro, abordando o surgimento de ligas esportivas gays, a criação de equipes de futebol composta por homens trans, a inserção de atletas homens no nado artístico, além de casos recentes de esportistas de alto-rendimento que se assumem publicamente como gays. Neste contexto, disputas de sentidos sobre o masculino se travam no campo do esporte no desejo por um horizonte queer/cuir para a masculinidade.

PALAVRAS-CHAVE

Masculinidade; Esporte; Perspectiva queer/cuir

INTRODUÇÃO

As demandas sociais contemporâneas têm colocado em xeque as diversas formas de opressão que, historicamente, se fizeram presentes de forma naturalizada nas sociedades ocidentais e entre elas, podemos citar, além da tradicional opressão de classe, o racismo, o sexismo e a LGBTIfobia. Uma identidade principal entre os/as protagonistas destes processos de segregação está o homem branco, de classe média, heterossexual e cisgênero.

Neste contexto, vivemos, atualmente, a contestação da chamada masculinidade tóxica: uma forma muito tradicional de *ser homem*, imposta na formação de meninos e jovens, e que hoje, mais do que nunca, sabe-se que gera violência e desordem emocional tanto para mulheres, como também para os próprios homens. Neste sentido, a masculinidade tóxica é maléfica para homens hetero, homo, cis, trans, pretos, pardos, brancos, deficientes, jovens, idosos, entre inúmeras outras identificações possíveis.



* O presente trabalho (não) contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.



Nesta discussão sobre a masculinidade tóxica, o campo do esporte ganha centralidade, pois este é um espaço-tempo que, historicamente, construiu seus sentidos pela legitimação de virilidade, força, agressividade, vigor, coragem e distância de qualquer aspecto do que se reconhece como feminino. Todavia, o esporte também é suscetível a mudanças e, na contemporaneidade, passa a se adequar às demandas apresentadas pela sociedade, uma vez que processos de identificações de gênero e orientação sexual alternativos entre seus praticantes é cada vez mais emergente.

Discute-se, neste resumo, a visibilização de performatizações² de masculinidade emergentes no esporte brasileiro, abordando o recente surgimento de ligas amadoras *gays* de voleibol e futebol, a criação de equipes de futebol composta por homens trans, a inserção de atletas homens nas competições de nado artístico, além de casos de esportistas de alto-rendimento que saem do armário publicamente. Para subsidiar tal discussão, busco fundamentação na teoria da masculinidade hegemônica e na perspectiva *queer/cuir*³ para problematizar as demandas contemporâneas da masculinidade no esporte brasileiro.

DA MASCULINIDADE HEGEMÔNICA À MASCULINIDADE QUEER/QUIR

A teoria da masculinidade hegemônica, de Raewyn Connell, teorizou grande parte das publicações brasileiras referentes aos estudos sobre homens e masculinidades no campo da Educação Física, especialmente na focalização sobre o esporte. Connell (2000) destaca que o esporte é uma prática social segregada pelo gênero e dominada por homens heterossexuais, que alia tanto um local de camaradagem masculina, uma espécie de fonte de construção de identidade para os homens, como é também uma arena de competição, na qual os mais fortes e mais aptos gozam de algum prestígio nos contextos sociais.

O futebol no Brasil é, certamente, o esporte que mais se aproxima dos sentidos afirmados pela masculinidade hegemônica. Seja pela violência recorrente nos estádios entre seus torcedores/as (em sua maior parte homens), pela violência presente nos cânticos e xingamentos homofóbicos - muitas vezes atravessados também por raça e classe - ou mesmo por posicionamentos preconceituosos de seus jogadores⁴ em relação, sobretudo, à homossexualidade como orientação sexual. Ser um homem jogador de futebol no Brasil significa não ser homossexual e tal espaço se coloca como hostil a torcedores/as LGBTIs.

Entretanto, a dominância da masculinidade hegemônica no contexto futebolístico começa a ser contestada, tanto por torcedores/as como pelos próprios jogadores. O crescimento das torcidas livre ou torcidas *queer*, mostra a presença de torcedores LGBTIs como uma forma de resistência à masculinidade hegemônica dentro do esporte. O jogador Igor Julião, lateral direito do Fluminense, que, em recente entrevista⁵, se colocou contrário à homofobia naturalizada no esporte brasileiro, rompendo com um perfil mais generalizado dos atletas homens no futebol.

Um outro deslocamento importante no contexto do futebol, no que diz respeito à masculinidade, vem de seus praticantes. Equipes amadoras compostas por homens que se identificam como homossexuais vem sendo criadas em diferentes partes do país, permitindo a prática do futebol por estes sujeitos, assim como a realização de campeonatos específicos para estas equipes. A *LiGay Nacional de Futebol*⁶ foi criada em 2017, inicialmente, com oito equipes amadoras e, neste ano de 2019, ocorreu a quarta edição da *Champions LiGay*⁷, em Brasília, com a participação de 24 equipes.



² Reconheço a masculinidade como performativa por repetições/deslocamentos das normas de gênero (BUTLER, 2018), que produz sentidos diversos e contingentes nas identificações do masculino.

³ O termo *cuir* (MARTIN, 2011) é uma tentativa de interpretação da teoria *queer* nas demandas da América Latina.

⁴ Felipe Bastos provoca Flu com série C e cantos homofóbicos. Disponível em: < <https://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2019/02/18/felipe-bastos-provoca-flu-com-serie-c-e-cantos-homofobicos.htm>>. Acesso em: 19 de abr. de 2019.

⁵ Fluminense, Samorin, homofobia e Marielle: Igor Julião abre o jogo ao LI! Disponível em: < <https://www.lance.com.br/fluminense/igor-juliao.html>>. Acesso em: 19 de abr. de 2019.

⁶ Página da LiGay Nacional de Futebol no Facebook. Disponível em: < <https://www.facebook.com/ligaybr/>>. Acesso em: 20 de abr. de 2019.

⁷ Brasília recebe a Champions LiGay 2019. Disponível em: < <https://dfsports.com.br/brasil-recebe-champions-ligay-2019/>>. Acesso em: 20 de abr. de 2019.



Deste modo, o predomínio da masculinidade hegemônica, conforme afirmada por Connell (2000), como aquela que se encontra no topo da estrutura das relações de gênero, subalternizando masculinidades tidas como inferiores, parece se mostrar em declínio ao considerar tais demandas de masculinidade que emergem no contexto mais amplo do futebol.

Laclau e Mouffe (2015), em abordagem desconstrutora do conceito de hegemonia, apontam que uma força hegemônica é um processo contingente e precário, no qual um particular assume temporariamente a representação de uma totalidade ou um determinado sentido de verdade. A realidade social, para o autor e a autora, é tida como um campo discursivo em que o social consiste no jogo infinito das diferenças, ou seja, é um espaço no qual as identidades lutam agonicamente para conseguir estabelecer-se. Quando uma dessas identidades consegue fixar-se, emergem outras articulações discursivas que a desestabiliza, num jogo de infinitas disputas antagônicas que constituem o social.

Acrescentando novos elementos neste processo de desestabilização mais radical da masculinidade hegemônica, destaca-se também o surgimento de equipes de futebol amadoras compostas por homens trans. As equipes *Meninos Bom de Bola*⁸, de São Paulo, e *Bigtboys FC*⁹, do Rio de Janeiro, deslocam potencialmente não só a presença da masculinidade hegemônica no futebol, mas também a chamada cisheteronormatividade. A noção de heteronormatividade diz respeito a normatização da ordem social, por um conjunto de dispositivos de controle - discursos, valores e práticas - que se apoia no pressuposto de que a heterossexualidade é o único modelo de orientação sexual possível de ser incorporado pelos sujeitos, assim como na imposição de padrões de comportamentos atrelados ao binarismo de gênero (WARNER, 1991). Amplia-se seu sentido com uso do cis, que se refere à palavra cisgênero, utilizada para designar pessoas que se identificam com o gênero que lhes foram atribuídos no nascimento, o que permite maior complexidade de interpretação para a presença de homens trans em equipes amadoras de futebol.

Um deslocamento importante no esporte, a ser destacado, é a participação dos homens nos duetos mistos de nado artístico, modalidade que, até 2014, era restritamente voltada à participação das mulheres. Nos jogos olímpicos de 2024, a FINA prevê a participação de provas específicas para os homens. O campeonato carioca de 2018, teve o primeiro conjunto masculino de nado artístico do Brasil e do continente¹⁰.

Ainda é bastante restrito homens atletas brasileiros de alto-rendimento assumirem publicamente a orientação homo ou bissexual. Nos jogos olímpicos de 2016, entre 8 esportistas brasileiros/as gays e lésbicas, apenas 1 homem aparecia na lista: Yan Mattos, atleta da modalidade saltos ornamentais. Recentemente, o jogador da seleção brasileira Douglas Souza, também atleta presente na Rio 2016, sendo campeão olímpico e, mais recentemente, vice-campeão do mundial em 2018 (premiado como um dos dois melhores ponteiros da competição), assumiu publicamente a homossexualidade, seguindo os passos de outros jogadores de vôlei de gerações anteriores, como Lilico e Michael.

O deslocamento da masculinidade hegemônica e da cisheteronormatividade é um processo bastante reconhecido no vôlei. Sabe-se que o vôlei no Brasil é o principal esporte em que se colocam questões quanto aos sentidos mais normalizadores do masculino, seja pelo fato de seus atletas profissionais serem pioneiros em *sair do armário* publicamente, seja por tradicionais torneios amadores específicos para homens que não se identificam com a heterossexualidade. A *Liga Gay de Vôlei Amazonense*¹¹ é o campeonato mais antigo no país e existente desde o período da ditadura, e que, por sua visibilidade, impulsionou outros eventos direcionados a praticantes homossexuais tais como o Grand Prix LGBT, Copa Sul de Vôlei LGBT, GayPrix, entre outros, que vem sendo realizados em vários estados do país.

8 Time de guerreiros. Disponível em: <<https://www.uol/esporte/especiais/time-de-guerreiros.htm#time-de-guerreiros>>. Acesso em: 19 de abr. de 2019.

9 Página da equipe Bigtboys FC. Disponível em: <<https://www.facebook.com/BigTboysFC/>>. Acesso em: 19 de abr. de 2019.

10 Feito histórico para o nado artístico no Brasil. Disponível em: <<https://sportv.globo.com/site/blogs/blog-do-coach/post/2018/11/27/feito-historico-para-o-nado-artistico-do-brasil.ghtml>>. Acesso em: 21 de abr. de 2019.

11 Página da Liga Gay de Vôlei Amazonense. Disponível em: <<https://www.facebook.com/ligagaydevoleyamazonense/>>. Acesso em: 21 de abr. de 2019.



FROM HEGEMONIC MASCULINITY TO QUEER/QUIR MASCULINITY: WHAT DO YOU REQUIRE EMERGING IN BRAZILIAN SPORTS?

ABSTRACT

It discusses the visibility of masculine performances that emerge in Brazilian sport, addressing the emergence of gay sports leagues, the creation of soccer teams composed of trans men, the insertion of male athletes in the artistic swimming, as well as recent cases of athletes high-income groups who are publicly assumed to be gays. In this context, disputes of senses about the masculine are locked in the field of the sport in the desire for a horizon queer/cuir for masculinity.

KEYWORDS: *Masculinity; Sport; Queer/Cuir Perspective.*

DE LA MASCULINIDAD HEGEMÓNICA A LA MASCULINIDAD QUEER/QUIR: QUE DEMANDAS EMERGEN EN EL DEPORTE BRASILEÑO?

RESUMEN

Se discute la visibilización de performatizaciones de la masculinidad que emergen en el deporte brasileño, abordando el surgimiento de ligas deportivas gays, la creación de equipos de fútbol compuesta por hombres trans, la inserción de atletas hombres en el nado artístico, además de casos recientes de deportistas de alto rendimiento que se asumen públicamente como gays. En este contexto, disputas de sentidos sobre el masculino se traban en el campo del deporte en el deseo por un horizonte queer/cuir para la masculinidad.

PALABRAS CLAVES: *Masculinidad; Deporte; Perspectiva queer/cuir.*

REFERÊNCIAS

- BRITO, L. T. *Enunciações de masculinidade em narrativas de jovens atletas de voleibol: leituras em horizonte queer*. 2018. 228f. Tese (Doutorado) - Educação, Educação e Humanidades, UERJ, Rio de Janeiro, 2018.
- BUTLER, J. *Corpos em aliança e a política das ruas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- CONNELL, R. *The men and the boys*. Berkeley: The University of California Press, 2000.
- LACLAU, E.; MOUFFE, C. *Hegemonia e estratégia socialista*. São Paulo: Intermeios, 2015.
- MARTIN, R. S. Diga "queer" con la lengua afuera: Sobre las confusiones del debate latinoamericano. In: MARTIN, R. S. (Org). *Por un feminismo sin mujeres*. Santiago de Chile, CUDS, 2011. pp. 59-75.
- WARNER, M. *Fear of a queer planet*. Minnesota: Minnesota Press, 1991.

